

2 JUN 2002

Setubal defende ajuste

economia - Brasil

Presidente do Itaú acredita que saída econômica é o aumento do superávit

SÔNIA ARARIPE

SÃO PAULO - O novo presidente da República - independente da coloração política - não terá muitas opções se quiser realmente enfrentar o dilema da economia: como voltar a crescer com consistência, reduzindo os juros sem explodir a dívida pública, nem trazer de volta a perversa inflação. Na avaliação do presidente do Itaú, Roberto Egydio Setubal, será preciso aumentar o chamado superávit primário (resultado das contas públicas, sem o efeito dos impostos) dos atuais 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB) para cerca de 5%.

"Terá algum custo, é claro. Mas não há almoço grátis. Por algum tempo, um ou dois anos, seria o colchão necessário para ajustar a economia na dose certa", disse Se-

tubal em entrevista ao **Jornal do Brasil**.

Não peçam, porém, para um dos mais importantes banqueiros brasileiros - com projeção internacional - abrir seu voto e revelar se acredita que a oposição - por exemplo, o Partido dos Trabalhadores - seguirá o receituário que tanto critica. "Não há impedimento técnico. Falta só vontade política", resume o dirigente do Itaú.

Aos 48 anos, Setubal sonha com

um Brasil mais justo e de maior crescimento com a mesma disposição que o faz todos os dias acordar cedo, praticamente engolir o almoço em reuniões de trabalho e capitanejar o segundo maior grupo financeiro privado do país, encostando no calcanhar do Bradesco. A agenda do Brasil é, sem dúvida, um tema importante na agenda desse executivo, lotada até o a-

a inflação subir para 10%", adverte. O presidente do Itaú elogia o governo Fernando Henrique Cardoso e especialmente o ajuste fiscal e orçamentário liderado pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan. "Foi uma conquista fantástica".

O banqueiro observa que a média do superávit dos países da Comunidade Européia é de 4%. E que aperter os cintos não depende do tamanho de uma economia. "É feito uma dona-de-casa. As contas têm que caber no orçamento independentemente de ser de classe média ou rica", compara.

Se esse ajuste maior fosse seguido, Setubal avalia que o Risco Brasil poderia cair e o país teria mais capacidade para enfrentar os desafios pela frente. Que não são poucos, admite. "Temos enormes carências sociais, uma perversa distribuição de renda. Mas acredito que esse colchão de divisas reduziria a nossa vulnerabilidade externa".

Com o sangue frio de quem vive o sobe-e-desce do mercado financeiro todos os dias, o presidente do Itaú acredita que há excesso de sentimentalismo quando se avalia que houve exageros nos relatórios de bancos estrangeiros sobre o Brasil. "O mercado é muito técnico. Os relatórios às vezes erram, mas elas olham o lado macroeconômico", diz. Setubal prevê muita montanha-russa até as eleições. "Os programas políticos ainda não mostraram exatamente como será a prática. E isso deixa o mercado indefinido".

"Todos concordam que é preciso reduzir juros. Seria péssimo reduzir por decreto para 12% e a inflação subir para 10%"



GIGANTE EM NÚMEROS

	Maior lucro do sistema financeiro nacional: R\$ 2,389 bilhões em 2001 e R\$ 504 milhões apenas no primeiro trimestre de 2002
	12,6 milhões de contas correntes e 8,3 milhões de contas-poupança
	Maior custodiano de ações
	R\$ 57,3 bilhões de recursos administrados
	3.189 pontos de venda
	Aquisições de bancos nos últimos cinco anos: Banerj, BEG, Bemge, Banestado, Sudameris, além da carteira de fundos do Lloyds e da área private do Banco Brascan

Em defesa dos lucros dos bancos

Se tem um assunto que o presidente do Itaú, Roberto Setubal, gosta de retrucar é o lucro exorbitante dos bancos. É um tema que ele se acostumou a enfrentar desde os tempos da presidência da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban). De acordo com um estudo da consultoria Austin & Asis para o JB, na era Fernando Henrique o lucro dos 100 principais bancos brasileiros chegou a R\$ 21 bilhões.

"É preciso ponderar essa discussão. Várias empresas, como a Petro-

bras, tiveram lucros excepcionais no ano passado. Por que só se fala dos bancos?", questiona.

Setubal admite que os consumidores provavelmente sentem mais porque afeta o bolso: seja pelos juros dos empréstimos ou pelas tarifas bancárias. O banqueiro pondera, porém, que uma instituição financeira é parecida com o comércio. Faz a intermediação. Ele defende que os serviços bancários não são tão caros no Brasil. "Cobra-se até barato para tantos serviços oferecidos".